

ta para o aumento do número de ligações, a diminuição de preços dos serviços e alerta que 'mais do que garantir o acesso, é preciso assegurar as condições de participação no ciberespaço'. Quanto ao domínio actual da língua inglesa, responde que é mais uma questão de iniciativa do que um genuíno constrangimento hegemónico, o que parece querer dizer que o inglês é mais a língua que facilita o desenvolvimento inicial da nova cultura do que um determinante da sua continuidade.

O pensamento de Lévy é, desta forma, fundamentalmente conduzido pela ideia de que a cibercultura é herdeira do legado da filosofia das Luzes e difunde valores de fraternidade, igualdade e liberdade: 'A rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam os seus membros a aprender o que querem saber'. Diante da profusão do fluxo informativo e do caos emergente que poderá causar, defende a ideia de que a rede tem a sua própria forma de controle: a opinião pública e as instituições democráticas que dela fazem parte.

**Francisco Amaral**

*Escola Superior de Educação/ Instituto Superior Politécnico de Coimbra; Instituto Superior Miguel Torga*

**Joaquim Ferreira Gomes. 2001. *Novos Estudos de História da Educação*. Coimbra. Quarteto Editora. 265 pp. ISBN: 972-8717-10-15.**

Durante décadas, a história das ideias pedagógicas confundiu-se com a história dos grandes pedagogos. Recitava-se e receitava-se um conjunto de verbetes que acolhiam notas biográficas, a par com alguns enunciados das propostas pedagógicas, num registo historiográfico que nem aprofundava as obras dos mais significativos pedagogos, nem abria as suas propostas à pensabilidade do facto educacional, como agente transformador, e à análise da sua aplicabilidade, em registo diacrónico. O panorama do necessário aprofundamento dá-se entre nós - e podemos acentuar que também no meio universitário europeu - com Joaquim Ferreira Gomes, a quem se deve uma lição outra sobre os grandes marcos da pedagogia, a que junta uma

exaustiva investigação e uma nova visão interrogante que nos possibilitou o conhecimento de obras fundamentais, convenientemente anotadas, só possível a quem, como é o caso, domina com profundidade e rigor a língua latina e o grego clássico.

Os seus estudos, marcados por uma penetrante reflexão historiosófica, solicitam-nos a compreensão do facto histórico enquanto tal, mas, ao mesmo tempo, pelo rigor hermenêutico e pela limpidez do comentário, abrem a possibilidade de novas leituras e consequente clarificação das transformações que se foram operando a partir delas ou a verificação dos estratégicos alheamentos das sociedades que especificamente as motivaram. Se lhe devemos, entre muitos de insuperável interesse, trabalhos fundamentais sobre as reformas pombalinas, sobre a universidade conimbricense, a par de modelares estudos da história da educação em Portugal, nunca será demais exaltar a importância da divulgação da espantosa obra de Coménio, pela via da exemplar edição da *Didactica Magna* (Fundação Calouste Gulbenkian, 1966) e da *Pampaedia* (Instituto de Estudos Psicológicos e Pedagógicos, Universidade de Coimbra, 1971), do mesmo autor.

Digo espantosa para fixar quão surpreendentes, pela intemporalidade, são as propostas do clérigo nascido na Boémia por finais do século XVI, de tal sorte que quanto se escreveu depois, em matéria de intervenção pedagógica, pouco ou nada acrescenta. Transcorridos mais de trezentos anos sobre a publicação daquelas duas obras, surpreendemos na verificação da sua inovação e actualidade, sobretudo nós, os filhos de uma pátria que, há umas décadas atrás, ainda consagrava em textos doutrinários as virtudes da ignorância, separava rapazes de raparigas no domínio das aprendizagens, sonegava o conhecimento em nome de bafientas moralidades ou do comprazimento religioso, consagrava, enfim, em cursos de formação feminina, no antigo Ensino Técnico, a 'boa dona de casa' como paradigma da estabilidade familiar, investindo em disciplinas como culinária, economia doméstica e labores femininos, em desfavor do elenco disciplinar dado aos rapazes nos demais cursos. Para que se perceba o peso desse obscurantismo, confrontem-se as 'reformas educativas' do salazarismo com os textos produzidos por Coménio no Sec. XVII, obras que Joaquim Ferreira Gomes exaustivamente tem posto à disposição não só dos es-

tudiosos como do público em geral, em cuidadas edições de fácil acesso.

O rigor das suas traduções, o magistério das suas anotações, o incessante labor com que nos surpreende a cada nova publicação, fazem deste Mestre dos mestres uma das mais importantes personalidades do mundo científico do nosso tempo, por certo mais reconhecido além fronteiras do que entre nós.

Tenho na minha mesa de trabalho os seus *Novos Estudos de História da Educação*. Singularmente, o adjectivo caracteriza para além da sugestão de temporalidade. Não são novos por se seguirem a outros, são-no também pelo que oferecem de inovador nas várias temáticas que se acolhem no livro, proporcionando-nos, sem perda de um módico de cientificidade, pela via de uma escrita atraente, culta e profunda, contacto com informação fundamental para o estudo das ideias pedagógicas.

O primeiro estudo, de grande dimensão reflexiva, enquadra a *Pampaedia* no contexto da gigantesca obra de Coménio, *De Rerum Homanarum Emendatione Consultatio Chatolica*. Se, em estudos anteriores, caso de *Didactica Magna*, Joaquim Ferreira Gomes, pela limpidez da tradução e pertinência das notas, ainda pela preclara introdução, nos abriu a inteligência e revelou um autor fundamental, ao retomar o que agora abre o livro em apreço, confronta um mais vasto público leitor com um monumento da ciência pedagógica, que atravessou incólume quatro centúrias e se reveste de intocável actualidade, enunciando princípios de uma educação universal capaz de, pela via do saber, aspirar ao verdadeiro equilíbrio social e à sempre perseguida igualdade entre os homens anunciada pelo Iluminismo. Joaquim Ferreira Gomes analisa uma a uma as várias partes da obra, seguindo minuciosamente cada capítulo. Desse labor que, com luzida contenção, nos oferece a obra comeniana resulta o apetrechamento do leitor com novos instrumentos de compreensão do pensamento que enforma e se edifica na *Pampaedia*, definida como 'o caminho aplanado através do qual a luz pansófica se difunde pelas mentes, pelas palavras e pelas acções dos homens. Ou ainda, é a arte de transplantar a sabedoria nas mentes, nas línguas, nos corações e nas mãos de todos os homens'

Coménio proclama e demonstra a possibilidade de educar todos (*omnes*), em todas as coisas (*omnibus*) instruindo universalmente (*omnino*), em oficinas de cultura (*panscolia*), onde livros que contenham todas as coisas

(*pambiblia*) servirão o trabalho de professores universais. Isto é, capazes de, num sentido de totalidade, desenvolverem as capacidades dos alunos (*pandidascalia*). Registo estes vocábulos latinos para que se perceba de imediato a importância do trabalho de Joaquim Ferreira Gomes que, permanentemente, nos faculta um acervo lexicológico que favorece a plena compreensão dos textos e abre caminho a novos percursos heurísticos, o que notifica o seu magistério como um dos mais profícuos da universidade portuguesa. O conhecimento de Coménio como filósofo, teólogo, linguista, pedagogo e reformador social, através de uma obra que, embora 'escrita no século XVII, pode ser considerada, ainda hoje, a Carta Magna da democratização do ensino e da educação permanente' é, para além da inserção histórica, o elencar de princípios essenciais a qualquer política de ensino que, como se diz anteriormente, mantém plena actualidade, que não é o mesmo que afirmar plena realização, pois longo é o caminho a percorrer para uma completa democratização do ensino e de uma conseguida educação permanente, para além das intenções da programática política nascida da laicização do Estado *urbi et orbe*.

O segundo estudo que nos propõe o catedrático conimbricense, 'Professores de Gramática Latina e Mestres de Ler, Escrever e Contar da Comarca de Coimbra', pagos pelo Subsídio Literário no último quartel do século XVIII, ocupa-se do esforço reformador de Pombal e das medidas preconizadas por este estadista para que essas medidas pudessem vingar, com a criação, em 1772, esse 'ano de ouro na história do ensino em Portugal', do subsídio literário, instrumento fundamental para a institucionalização do ensino primário oficial espalhado a todo o reino, nos limites do possível, porque tal subsídio permitia pagar aos professores tidos por necessários para o funcionamento de uma rede escolar que aspirava a que todos 'os meninos e estudantes das povoações circunvizinhas [das comarcas e das cidades e vilas delas] possam ir com facilidade instruírem-se', como constava do 'Plano Regulador' que o Marquês encomendara a peritos em corografia - plano que incluía o mapa dos professores necessários para as diversas disciplinas, sua distribuição geográfica no reino e seus domínios, isto é, ilhas e colónias ultramarinas, com notável expressão no Brasil. Por esse mapa, ensina-nos Joaquim Ferreira Gomes, ficamos a saber que a Carta de Lei de 6 de Novembro de

1772 criou para o ensino secundário lugares para 358 professores (236 de Latim, 38 de Grego, 49 de Retórica e 35 de Filosofia) e, para o ensino primário, 479 para os mestres de ler, escrever e contar, todos recrutados por concurso público, ficando obrigados a, no fim de cada ano, prestar contas do seu magistério, ou seja, dos progressos e morigeração dos seus alunos nos domínios dos saberes, como do seu aperfeiçoamento moral. Da importância do subsídio literário para a implementação dessa nova rede educativa nos dá conta este precioso estudo de J. Ferreira Gomes, indispensável para a compreensão da notável obra do ministro de D. José e do espalhar das luzes do século num país, até então, dominado pelo magistério jesuíta.

Nesta senda de nos revelar a marcha da educação em Portugal, o nosso autor ocupa-se depois de 'O Ensino da Pedagogia e da Psicologia nas Escolas Normais Primárias (1862-1974)', revelando-nos, pela análise da organização curricular e dos respectivos conteúdos programáticos dessas duas disciplinas fundamentais da acção educativa, o que foi o percurso da formação dos professores do ensino primário e de educadores de infância ao longo de mais de uma centúria. Estamos perante outro notável contributo para o aprofundamento do estudo dos condicionamentos ideológicos que presidiram, ao longo de mais de um século, às várias reformas do sector, pelo que, ao nível das ideias pedagógicas, abre aos investigadores um vasto campo de pesquisa, na medida em que se torne possível compaginar os programas com a bibliografia recomendada e a própria prática lectiva, a que poderão dar especial contributo estudos sobre a escola na Literatura.

Não cabe, nesta intenção recenseadora, percorrer todos os estudos que constituem este novo livro de Joaquim Ferreira Gomes. Do estudo-homenagem à acção do Pe. António de Oliveira, incansável reformador das cadeias de menores, verdadeiros depósitos de gente, degradantes e imundos, transformadas em escolas, pedagogo a quem se deve ainda uma obra escrita onde flui o amor pelas crianças e pelos jovens, a par com uma acção que contribuiu 'para a humanização das instituições educativas e das instituições jurídicas', à análise das duas reformas universitárias da Primeira República, assente no estudo da 'Constituição Universitária' de 1911 e do 'Estatuto Universitário' de 1918, assim como os aspectos fundamentais da formação dos professores do ensino liceal no mesmo período, Ferreira Gomes faculta-nos

importante reflexão e divulga documentação indispensáveis para a compreensão das transformações educativas saídas do movimento revolucionário nascido em Outubro de 1910, que se verifica ter sido de grande fecundidade e que as décadas de ditadura que se lhe seguiram metodicamente inverteram. Num artigo de homenagem ao seu antigo aluno, João Francisco Marques, o pensador Joaquim Ferreira Gomes fala de democracia e da necessária energia mobilizadora que está numa acção educativa capaz de promover o sucesso e a esperança, energia essa que possibilita a mudança, ou seja, o homem como sujeito, livre e interventor, solidário e aberto ao seu semelhante.

Fecha o livro um texto com o título 'A Minha Escola Primária'. Aqui, o investigador, o universitário que abriu a história da educação em Portugal ao estatuto de ciência autónoma, cede um passo ao criador literário, ao prosador de invulgares recursos. Estamos perante um texto de enternecedora (é o termo!) evocação da infância, da escola de primeiras letras que vivemos todos os que foram à escola nas décadas de trinta e quarenta do século passado. O que foi o ensino primário por este país, nas grandes cidades como nas aldeias, a palmatória aterradora e os quadros de propaganda ao Estado Novo, os precários instrumentos didácticos e as grandes carências que as famílias pobres enfrentavam, os socos que nos calçavam e a roupeta que enganava o frio, os amigos e as brincadeiras, a fraca merenda repartida, também o empenhamento de alguns professores para vencerem as barreiras de gerações de fome, os jogos e os despiques, os cadernos de linhas paralelas que ajudavam a moldar a caligrafia e os de uma linha para os ditados que combatiam o erro de ortografia, os problemas com números complexos e os que ensinavam a pensar, a história pátria na ponta da língua, a geografia apontada nos mapas, o tinteiro de molhar o aparo e os borrões derramados nas folhas pautadas, a ardósia que se apagava com a manga da camisa em cuspidela de soslaio, tudo desfila neste texto de Joaquim Ferreira Gomes que nos remete para infâncias apesar de tudo felizes, porque vivência de uma escola que nos preparou para a vida, nos ajudou a crescer, nos ofereceu referentes.

Se mais nada houvesse, esta evocação que Joaquim Ferreira Gomes nos oferece vale por toneladas de filosofia.

**José Henrique Dias**  
*Instituto Superior Miguel Torga*